

Micos *aprontam* no Bandeirante

Seis macaquinhos vivem há dez anos numa árvore da cidade. No zôo, seis novos inquilinos divertem o público

Marcelo Abreu
Da equipe do **Correio**

Numa das principais e mais barulhentas avenidas do Núcleo Bandeirante — que dá acesso ao Guarará —, uma cena inusitada. Seis macaquinhos fazem a festa em cima de uma árvore. E daí? Macacos adoram árvores. Até aí nada demais. Velha história... Mas quando esses mesmos macaquinhos estão na mesma árvore há quase uma década, reproduzem-se e ainda comem bolo de milho quentinho dado na boca por uma alma caridosa, isso passa ser, no mínimo, curioso. E virá notícia.

Seis micos-estrela-de-tufo-preto — espécie que predomina no cerrado — são a sensação da enorme árvore da avenida. Há quem venha de longe para vê-los. Um casal sai todos os domingos do Gama só para levar docinhos pros presepeiros. E há quem pare ali todos os dias só para alimentá-los.

E a cada dia os miquinhos aprontam mais. “Quando estão com muita fome, eles pulam em cima do ombro de quem tá passando embaixo da árvore”, conta o vendedor de frutas, José de Assunção, de 33 anos.

A banca de José fica exatamente ao lado da árvore onde moram os *miquinhos*. É de lá que ele olha, todos os dias, as peripécias dos seis macacos. Leia-se pai, mãe e filhos. “Eles não bolem com ninguém. Não ofendem o povo. Só querem brincar e comer”, diz o homem que saiu de Chapadinha, no Maranhão, e hoje, além de vender coco e abacaxi, toma conta de

macacos. Mais: defende-os arduamente. “Tem gente que quer levá-los, mas eu não deixo de jeito nenhum.”

Mas de onde vieram e como esses macacos pararam ali? Mistério... Uns dizem que há pelo menos nove anos um homem passou por ali e deixou um casal de micos na árvore. Outros não sabem mesmo de onde os micos vieram. Nem querem saber. “Eu tô aqui há seis anos e eles já tavam aí”, conta a vendedora de cafezinho Antônia Araújo Silva, de 43 anos.

É a cearense de Canidé que alimenta os micos com bolo de milho. “Todo dia de manhãzinha, eu trago um pedaço. Eles são tão inteligentes.” Ela admite a amizade com os saltitantes: “Às vezes é melhor criar afeto com bicho do que com gente”, filosofa. “Pelo menos não se corre o risco de ter decepção nessa vida.” Ela pode ter razão...

Existe uma disciplina excepcional entre os micos. Logo cedo, por volta das 7h, eles acordam. José de Assunção pegou uma velha lata de óleo, pôs em cima da árvore e fez uma cama para os macacos. Os seis saem dali e começam o dia. Pulam de galho em galho e esperam comida. Fazem questão de ser notados. Chega Antônia, com o bolo de milho. José, com biscoito e água de coco. Depois, quem passa pelo local oferece alguma coisa. Eles devoram bombons e chocolates.

Empanzinados, os miquinhos sobem e se enfurnam na lata que virou cama. Só saem de lá para jantar. Jantar? “Antes das cinco, eles descem, comem de novo e sobem pra dormir. À noi-

Fotos: Ricardo Borba



Os micos se divertem: dez anos de sombra, água fresca e presepeadas

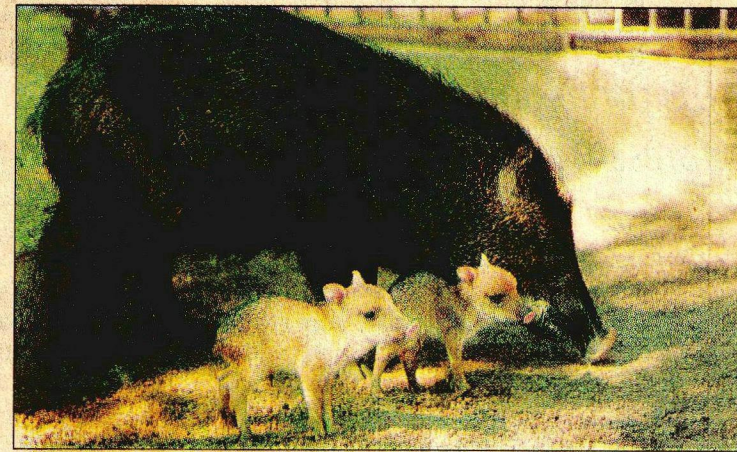
te, não fazem graça...”, atesta o fiel-escudeiro José de Assunção.

SURPRESA

Para a bióloga Keyla Macfaden Juarez — chefe da seção de mamíferos do Jardim Zoológico de Brasília —, a história é realmente impressionante. Principalmente pelo fato de os micos viverem na mesma árvore por tanto tempo. E num lugar tão movimentado. “Eles so-

brevivem por causa da grande diversidade que possuem e pelo fato de as pessoas também os alimentarem”, explica. Bendito José e seus biscoitinhos. Bendita Antônia e seu bolinho de milho.

No Jardim Zoológico, a festa é para comemorar novos nascimentos. Semana passada, Capitu — a intrépida Capitu — ressuruiu das cinzas. A babuína sagrada pariu mais um filhote. O



Filhotes de porco-do-mato: uma das novas atrações do zoológico



A intrépida Capitu abraça o filhote: sim, desta vez o pai é mesmo Otelito

sexo por enquanto ainda não se sabe. Ela não desgruda do animal, o que impede que os veterinários o examinem. O pai? Sim, ele mesmo, Otelito, o macaco traído e apaixonado.

Quem não se lembra do triângulo amoroso do Zôo? Otelito que amava Capitu, que amava Eliseu, que morreu de pneumonia. Triste fim. Esperta, Capitu tratou logo de voltar para Otelito. Qualquer semelhança com os

humanos será mera coincidência...

Além do filhote de Capitu, nasceram mais duas jaguatiricas (gato brasileiro em extinção), um quixada (conhecido como porco-do-mato), um waterbuck (ou cobo-de-meia-lua, espécie de antílope africano) e um sagüim, mico da região amazônica também ameaçado de extinção.

A festa está boa no mundo animal.